



Carta pronta vai gerar desemprego

RITA NARDELI
Da Editoria de Política

A necessidade de a Constituinte terminar é apregoada em todos os cantos. Mas para muitas pessoas, a conclusão do processo constituinte significa desemprego, perda de gratificação, fim de um serviço extra. Estudantes encarregados de fazer pesquisas de opinião, lobistas, repórteres do Diário da Constituinte, pessoas contratadas para secretariar grupos formados na Assembléia e os próprios funcionários da Câmara e do Senado que ganharam funções extras na Constituinte estão entre os que serão afetados financeiramente com a tão esperada promulgação da Constituição — que implicará ainda na redução do volume de encomendas e contratos de algumas empresas.

Para auxiliar a Constituinte, foram destacados 600 funcionários da Câmara e igual número do Senado, que trabalham em regime de plantão até às 23 horas, e podem ser convocados aos sábados e domingos. Eles recebem, de acordo com suas atribuições, uma gratificação que, fixada em cinco níveis, oscila entre aproximadamente Cz\$ 30 mil e Cz\$ 80 mil.

Certos de que o acréscimo aos seus rendimentos é temporário, muitos funcionários preferiram investir em cadernetas de poupança, deixando de utilizar a gratificação no dia-a-dia. Mas esta precaução não foi adotada por todos. Segundo Cristina Costa, coordenadora do Diário da Constituinte e funcionária da Radiobrás, com direito à gratificação pelo trabalho na Assembléia, o extra acabou incorporado ao orçamento mensal:

— Nosso salário está muito defasado. Se não tivéssemos essa gratificação... Todo mundo está usando este dinheiro extra. A maioria das pessoas da equipe tem filhos e está dependendo deste adicional, que não era para ser incorporado ao salário, mas passou a ser por necessidade.

A equipe do Diário da Constituinte é formada por 32 pessoas, das quais apenas 6 vieram da Radiobrás. As demais trabalham sem vínculo empregatício, e em princípio serão dispensadas assim que a Constituinte terminar. Entre estas, há 10 auxiliares de cinegrafista que não têm outra fonte de renda:

— Há uma preocupação com a data do fim da Cons-

tituinte — conta a coordenadora — porque as pessoas precisam saber o que vão fazer depois. A preocupação maior é entre os auxiliares, quase todos casados, que pedem para fazer um lobby a fim de que eles continuem na Câmara.

Um dos auxiliares, José Lúcio da Silva, trabalhava como mensageiro, obteve um salário melhor no Diário da Constituinte e agora está preocupado em arrumar um emprego em emissora de televisão com a mesma função que exerce hoje:

— Estou procurando, mas não há nada certo. Ficar aqui depende dos parlamentares, mas ninguém sabe de nada, ainda.

O cinegrafista Guaracy Vieira Bustamante confia em ser aproveitado na Radiobrás ou na própria Câmara, e diz que "todo mundo está com esta esperança".

SÓ PROMESSA

Outro grupo que perde a gratificação — ou o emprego, caso daqueles que não foram requisitados de órgãos públicos e nem tinham outra fonte de renda — é formado por 46 assessores especiais e secretários particulares, que atuam junto às lideranças partidárias, à Mesa da Constituinte e à Comissão de Sistematização. Nesta situação está, por exemplo, Miguel Reale Jr., que assessora a presidência da Assembléia. Ele diz que como advogado em São Paulo, cada parecer que emite "vale um ano de Constituinte", e brinca que com a redução das atividades de seu escritório "os beneficiados são os seus concorrentes".

Também estão contratadas apenas para o período constituinte 11 pessoas que trabalham na secretaria do Centrão. Desempregados até serem chamados para o grupo, eles trabalham às vezes até de madrugada, e durante os fins-de-semana no regime de prestação de serviços, sem direitos trabalhistas. Alguns acreditam que serão aproveitados, como Cecília Martins:

— A gente conheceu muita gente aqui, muitos empresários. Eu já tive inclusive propostas de emprego em empresas privadas — conta.

Mas nem todos são tão otimistas:

— Quando acabar a Constituinte, é cada um por si. Esperança todo mundo tem, promessas a gente recebeu, mas não há nada

certo — afirma Fernando Seabra.

Rejane Vidal lembra que nenhum deles tem vínculo com a Câmara, o que preocupa alguns, como Maria Edna Batista Guedes:

— Estou agoniada — diz. Vou começar a procurar emprego. Os deputados prometem, mas não dão.

Esta apreensão não se justifica, segundo o assessor da UDR, Fábio Saboya. Ele garante que todos os que trabalham para o Centrão serão contratados especialmente por entidades privadas.

A necessidade de aferição das tendências na Constituinte assegurou trabalho, em caráter eventual, a um outro grupo de pessoas — estudantes e até alguns profissionais de nível superior que têm feito pesquisas entre os parlamentares sobre os temas mais polêmicos. As pesquisas são encomendadas por jornais e "até por pessoas ligadas ao governo que querem sondar alguma coisa", segundo uma estudante que faz este trabalho. Por cada período de 6 horas na Constituinte, os entrevistadores recebem Cz\$ 2 mil. Se a pesquisa for na rua, eles recebem Cz\$ 1,5 mil por cada três horas. Eles admitem que terão uma redução no volume de trabalho com a promulgação da Constituição. Mas confiam em novas pesquisas com as eleições, e acham que lucraram com os contatos que estabeleceram na Assembléia.

Empresas pequenas montadas para lobby na Constituinte também tendem a fechar suas portas nos próximos meses. Dirigentes de grandes empresas de consultoria calculam que dos mais de 200 lobistas que hoje circulam pelas dependências do Congresso Nacional continuarão trabalhando cerca de vinte. Perderão também com o fim da Assembléia as empresas responsáveis pelo fornecimento de café e água mineral, e os restaurantes da Câmara e do Senado. Para se ter uma idéia do aumento do consumo de café e água, e da intensificação do movimento nos restaurantes, a diretoria da segurança legislativa da Câmara apresenta um dado bastante significativo: antes da Constituinte, circulavam diariamente pelos 130 mil metros quadrados de área construída do Congresso entre 7 a 8 mil pessoas. Hoje, este número de pessoas fica entre 18 a 20 mil.

Bancada macrobiótica ganha novos adeptos

O deputado José Maurício (PDT-RJ) passou os últimos domingos no Rio de Janeiro "comendo só folha", porque não encontrou um restaurante macrobiótico aberto. Seu colega Luiz Gushiken (PT-SP) já levou uma marmita de Brasília para Natal (RN), e a deputada Irma Passoni (PT-SP) carrega para cima e para baixo uma série de receitas da cozinha macrobiótica, como as de conserva de nabo ao caldo de ameixa vermelha e a de tortinha cremosa de maçã. Os três fazem parte de um grupo de constituintes que, por um motivo ou outro — excesso de peso, doença, tensão, ou apenas opção por uma alimentação saudável — segue as regras da orientadora macrobiótica Vera Viana. Animados, alguns estão retomando a luta por um restaurante macrobiótico no Congresso.

Antes de começar a provar os pratos feitos por Vera Viana, a maioria dos constituintes que escolheram a macrobiótica faz uma consulta em São Paulo com o professor Tomio Kikuchi, do Instituto Princípio Único, um dos maiores estudiosos da filosofia e da metodologia da macrobiótica, segundo a orientadora. Com o professor, eles tomam conhecimento do tipo de alimento que podem consumir, e recebem uma dieta básica para três meses.

Os resultados, segundo os constituintes, são ótimos. Irma Passoni, por exemplo, diz que procurou a macrobiótica por ter uma úlcera "faz um século" e também devido aos stress provocados pelos trabalhos na Constituinte:

— Não acredito em medicação, meus filhos são tratados pela homeopatia — conta Irma, que há três semanas faz macrobiótica. Acho que uma boa alimentação é o caminho. A gente fica mais leve, mais tranquila. A alimentação real-



José Maurício



Irma Passoni

mente tem a ver com a saúde da cabeça.

A deputada toma chá e come pão integral no desjejum, almoça a refeição preparada por Vera Viana, e à noite faz sua própria comida: sopa de legumes sem gordura e arroz integral. Segundo ela, a comida feita pela orientadora é muito saborosa.

Quem também está muito satisfeito com a nova dieta é Gushiken. Ele já perdeu doze quilos, e procurou a macrobiótica há dois meses porque estava com problemas intestinais. Segue rigorosamente a orientação de Vera Viana, e já levou sua esposa, seu filho e sua mãe para a cozinha macrobiótica:

— Meu filho tinha bronquite e pneumonia, e não tem mais nada. Minha mãe tinha dores de cabeça, e acabou tudo. É uma revolução em matéria de tratamento do corpo.

Gushiken afirma sentir-se muito melhor agora, e diz que é bem mais fácil suportar os trabalhos da Constituinte:

— Eu ficava sentado o dia inteiro aqui — recorda —, comia, bebia, ficava cansado, com dor de cabeça, com sono. Agora, não tenho nada disso, estou com ótima disposição.

José Maurício também segue à risca a orientação de Vera Viana, e diz que sua opção tem muito a ver com a poluição do plenário e com a tensão das sessões da Constituinte. Há duas semanas, ele parou de fumar, e começou a comer comida macrobiótica para se "corrigir organicamente e perder vinte quilos".

Além destes três deputados, seguem a orientação de Vera Viana os constituintes Vítor Bualiz (PT-ES), Virgílio Guimarães (PT-MG), Vladimir Palmeira (PT-RJ), Rose de Freitas (PMDB-ES), Eduardo Jorge (PT-SP), Gumercindo Milhomen

(PT-SP) e Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP). Os deputados Ricardo Flúza (PFL-PE) e Haroldo Saboya (PMDB-MA) devem começar a comer as refeições feitas pela orientadora. Flúza recentemente sofreu um princípio de infarto, e Saboya diz que vai seguir a macrobiótica "só por experiência, durante um mês". Já houve caso de constituinte que foi à residência de Vera Viana, onde é servido o almoço para os que moram sozinhos ou em hotel, e nunca mais voltou, como conta a orientadora:

— O Miro Teixeira veio uma vez, disse que a comida estava ótima, mas não voltou. Acho que ele estranhou terrivelmente — diz.

Vera Viana conta também que a maioria dos deputados que vão à sua casa fala do cansaço decorrente da Constituinte, e do ambiente poluído do plenário. Ela diz que quando retornou a Brasília, depois de ter estudado com o professor Tomio Kikuchi, pretendia apenas dar aulas de culinária. Foi consultada então sobre a possibilidade de orientar a cozinha do restaurante que seria instalado na Câmara, defendido por Bualiz, que é macrobiótico convicto. Bualiz conhecia o seu trabalho — baseada na autocuraterapia, na prática global do tratamento preventivo, que inclui alimentação, banhos e exercícios —, e era questionado por constituintes interessados na macrobiótica:

— Os deputados — relata Vera Viana — faziam perguntas ao Bualiz, iam se consultar com o professor, e este me pedia que eu desse uma orientação, porque em Brasília não há nenhum restaurante macrobiótico. Muitos parlamentares não têm residência em Brasília, e quando vejo agora, minha casa está cheia de constituintes. Eles comem aqui, levam marmita para o jantar e para o desjejum.



Luís Gushiken

Arcebispo de Olinda critica Constituinte

Recife — O arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, que é também presidente da Regional Nordeste II da CNBB, disse ontem que a Igreja não está "cem por cento satisfeita" com os trabalhos da Constituinte, acrescentando que, "como todo o povo brasileiro, lamenta os empecilhos que estão sendo colocados para a realização das profundas mudanças sociais, come-

çando pela reforma agrária".

Contrário às eleições presidenciais ainda este ano, o arcebispo lembrou que várias propostas da Igreja, contidas no documento "Por Uma Ordem Constitucional", foram aceitas pelos constituintes, acrescentando que outras foram recusadas. Como exemplo destas últimas, citou o direito à vida, desde os primeiros momentos da concepção, e indissolubilidade

do matrimônio ambas defendidas pela Igreja.

Sobre a duração do mandato do presidente José Sarney, Dom José Cardoso afirmou, "repito o que já disse. Eleição não é panacéia. Estamos desejando ardentemente para o nosso País estabilidade democrática, coerência política, verdadeiro interesse pelo bem comum e honestidade na administração pública em todos os níveis.